



medida de Cazuza, no dia em que compôs *Eu preciso lembrar que te amo*, é destaque em CD de fundação que financia pesquisa e tratamento contra a Aids. (Página 8)

D



Dirigente dos Sem-Terra, José Ribamar analisa Jenipapo: "O conflito é só um cenário, mas é importante que levem nossa bandeira para a tela". (Página 8)

• E • P • U • L • T • U • R • A



Reproduções

ANDREAS KISSER

IGOR CAVALERA

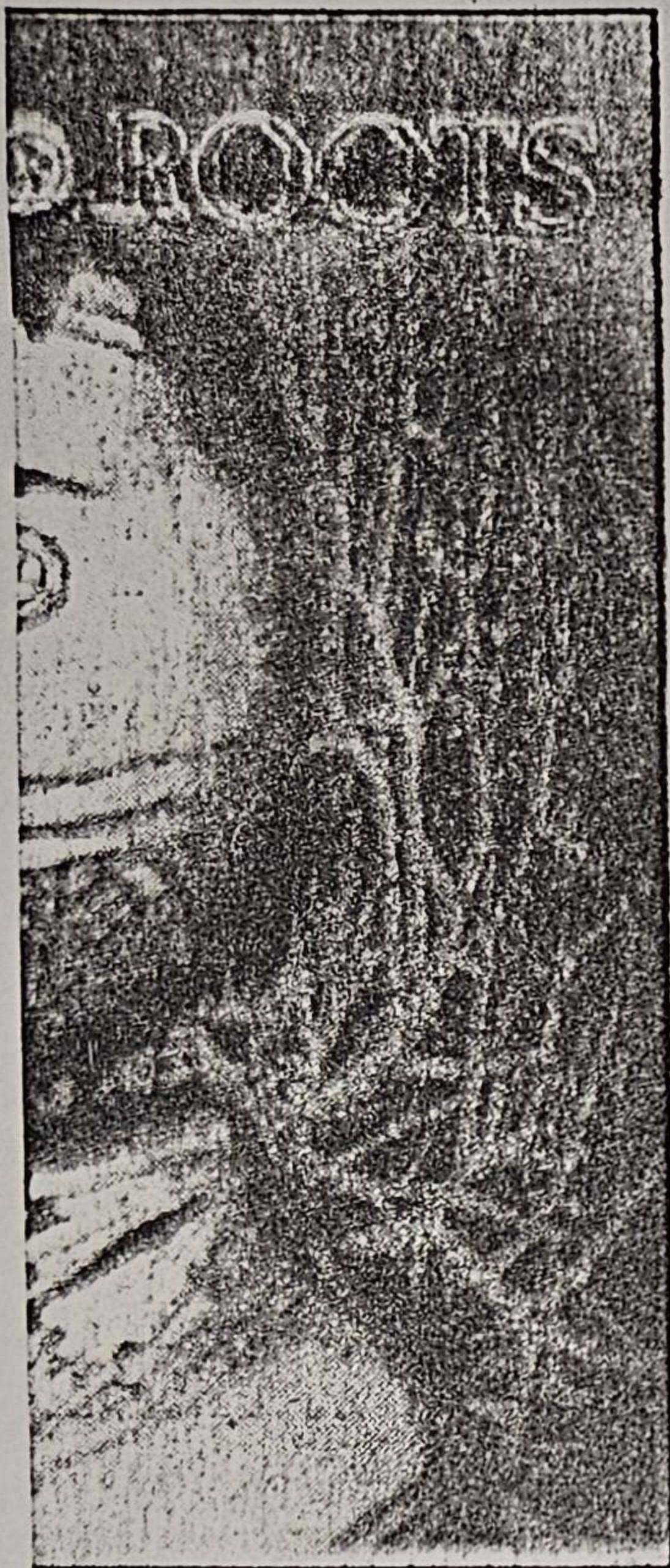
MAX CAVALERA

PAULO JR.

Mais reconhecidas no exterior que no Brasil, banda pode ampliar público no país com ótimo disco onde mistura metal e sons tribais



onde mistura metal e sons tribais



na imprensa internacional

DIÁRIO NA TRIBO

Em sua visita à tribo Xavante, de Pimentel Barbosa, durante os dias 3 e 5 de novembro últimos, os rapazes do Sepultura descobriram que tinham mais em comum com os índios do que os cabelos compridos e a pele pintada (no caso, tatuada). Ao ouvirem os indígenas cantando, sentiram algo próximo da iluminação. “A terra tremia, literalmente, e o som das vozes era tão impressionante que reduzia a fichinha qualquer banda de *death metal*”, anotou a banda em seu diário de viagem. Com uma equipe que reunia, além dos quatro músicos, produtores, empresários, fotógrafo e técnicos de som, o Sepultura se viu em apuros desde que deixou São Paulo: depois de chacoalhar por horas nos mais suspeitos bimotores, teve que se virar sem comida ou luz elétrica, todos cobertos de repelente, suando às bicas e ainda com medo de fazer algo errado contra os costumes dos índios. Alcool e drogas, por exemplo, estavam proibidos na aldeia.

A trupe do Sepultura foi recebida

por cerca de 200 xavantes, alguns com arcos e flechas. No primeiro dia, passou por um ritual de apresentação que exigiu um pequeno discurso de cada um de seus integrantes. No dia seguinte, os músicos se pintaram com urucum e foram se juntar aos índios em seu “canto rouco, repetitivo e grave”, como ficou registrado no diário. Com Max e Andreas nos violões e Paulo e Igor na percussão, foram realizadas as gravações de *Itsári*. O produtor Ross Robinson, empolgado com a *jam*, pulou, correu, pendurou-se nos galhos de uma árvore e foi apelidado pelos índios de Sapo Urossi. Num conversa com os xavantes, foram discutidas todas as etapas da produção da canção. Por fim, o Sepultura tocou *Kaiowas* no violão — susto foi quando Max resolveu acrescentar à música seu monstruoso vocal. Missão cumprida, a banda ganhou colares, pulseiras, arcos e flechas e seguiu para um hotel cinco estrelas em Goiânia. (S.E.)

] Roots ★ ★ ★

é ‘heavy’

em com o grupo — a letra vale pelo som da sílaba — em Rata-tata. Breed apart repete a mar- percussiva.

As quatro faixas seguintes, *ghhate*, *Spit*, *Lookaway* e *Dus-eguem* o padrão, mas na última terista Igor Cavaleira toca um be africano. Born stubborn é lmente um frevo metalizado e espaço para a acústica Jasco, la por Andreas Kisser em um o da melhor escola brasileira, e *Itsári*, a mais estranha e sur-idente atração do disco, com o ltura entoando um canto xa-acompanhado respeitosa-mente timbau e pelo violão.

mbush, por sua vez, mostra nhos Brown usando um cami-de instrumentos percussivos nha “hermetiana”, como o re-co na pedra e o garrafão d’á-da mesma forma que em *En-ered species*. *Dictatorshit* retor-i speed-metal da mesma forma m *Procreation (of the wicked)* *eltic Frost* e *Symptom of the rse* (do Black Sabbath). Ainda irre as suas letras em inglês, o ltura conseguiu uma proeza: atapá metalizado que serve i qualquer língua.

★ ótimo ★ ★ ★ excelente

NOVAS CORES VÃO PINTAR NA JANELA.

Lindas persianas horizontais e verticais deixam a janela com um colorido que vai refletir na casa toda. E na Orlean, elas já vêm com a colocação, garantia e preço em conta.

orlean

Felicidade estampada na sua casa.



Gávea:
Shopping da Gávea, 3º P.
294 1043

Leblon:
Rio Design Center, T.
259 7718

Tijuca:
Cde. de Bonfim, 233.
228 1332

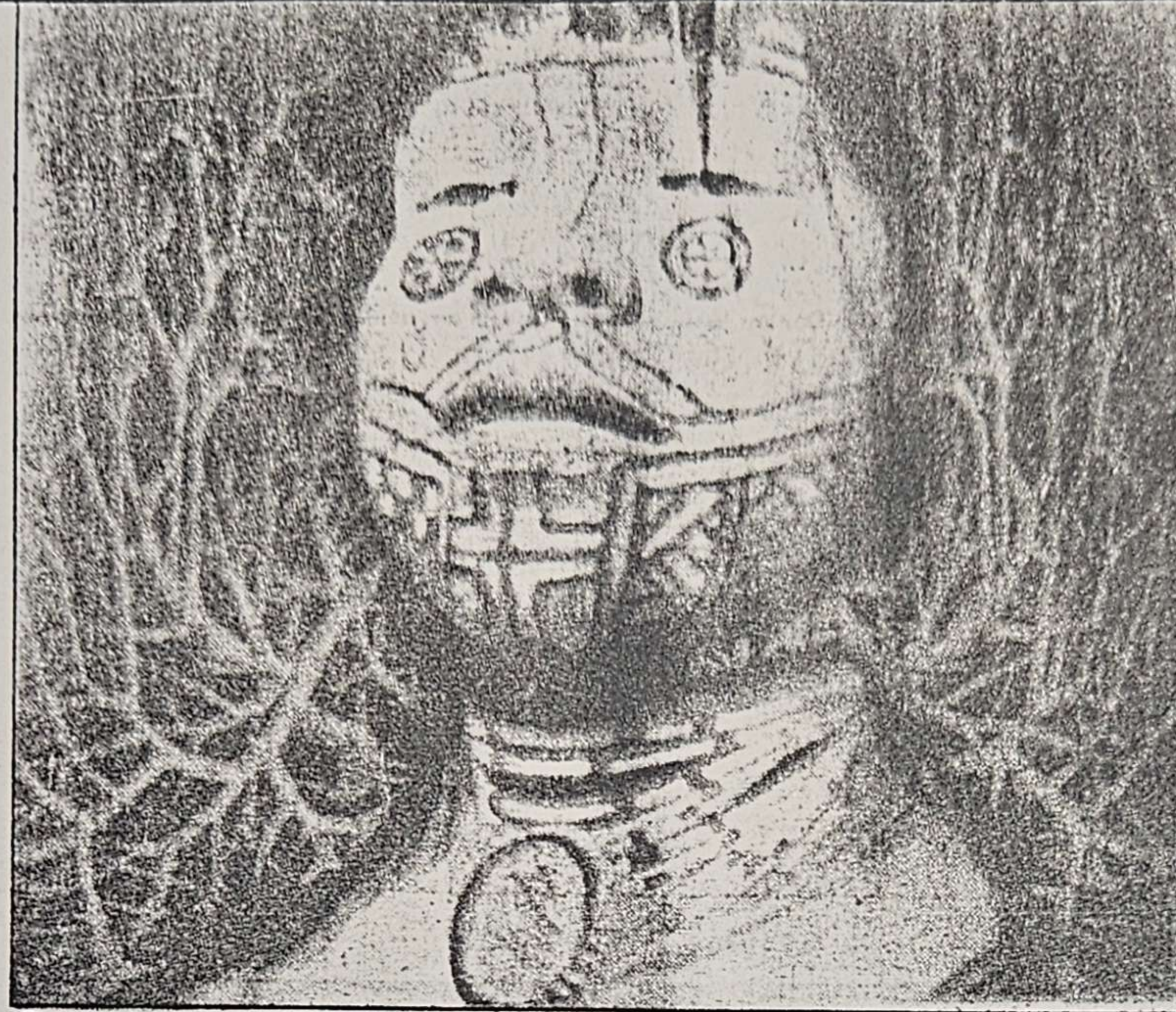
Barra:
CasaShopping, B.L.A.
325 7336

todo o mundo, número bastante considerável para o grupo com suas turnês internacionais, que arrastam uma equipe de 20 pessoas e 20 toneladas de equipamento — eles já foram até pela Indonésia —, a banda chega a fazer 250 shows por ano. Em 1996, com a turnê do novo disco, *Roots*, que acaba de sair no Brasil e em todo o mundo, exceto nos EUA (onde sairá neste mês), o Sepultura estará dividindo o palco com o Ozzy Osbourne e, quem diria, o sofisticado Sting, com quem fará um evento na Holanda. “Os festivais lá são assim, grandes”, conta o baterista Igor Cavalera ao *JB*, em tom de telefone, da Califórnia, onde mora.

Então, por causa de suas opiniões radicais e da insistência em ser o mais ortodoxo *thrash-death-metal* (caracterizado por riffs rápidos, parede de guitarras e a bateria agindo como um motor desgovernado), ainda mais cantado em inglês, o Sepultura nunca foi considerado um orgulho nacional. Agora, com o novo disco (*leia crítica*), o sexto de uma carreira de dez anos, o panorama deve mudar. O interesse pelo fenômeno representa a banda pode deixar de ser coisa apenas de fã, pois, em suas raízes brasileiras, o Sepultura adicionou às suas distorcidas um berimbau e vários outros instrumentos de percussão, capitaneados pelo baiano Carlinhos Brown. Carlinhos se empolgou e também participou com letras e num mergulho mais profundo, gravou com os índios da aldeia de Pimentel Barbosa, no Mato Grosso. Foram os cantos, suor e mosquitos que renderam a canção *Itsári* (*leia ao lado*). “O *heavy metal* vem sobrevivendo, alguém sempre põe um elemento novo, chacoalhando a música nos EUA, o que a gente vê hoje é muita banda com coisas novas. É justamente isso o que nos diferencia da Cavalera.

A música brasileira do Sepultura, até agora, tem agradado os estrangeiros. “O grupo brasileiro dilata com extraordinária os elementos da tribalidade e da sensibilidade social, como nos cinco álbuns anteriores, aventurando-se numa direção da imaginária na direção das raízes negras do continente”, escreveu, empolgado, Flavio Brighenti, do tablóide italiano *Complemento* do jornal *La Repubblica*, um dos mais respeitáveis. A coluna Stud Brothers, do semanário inglês *Melody Maker* do jornalismo musical, foi ainda mais longe. “*Roots* é ótimo, muito bom, um tapa com luva de ferro na cara do Nine Inch Nails. Compre agora”, recomenda. O sucesso de *Roots* foi testado pelo Sepultura mês passado, em uma turnê terrorista, apelido dado pelo grupo aos shows em pequenos clubes. “Em menos de um mês fizemos shows, com um público de 700 a 1.500 pessoas, tudo lotado, comemora Igor. Junto com seu irmão Max (guitarra), Andreas (guitarra) e Paulo Jr. (baixo), que também vivem em Phoenix, ele ainda não tem idéia de que tipo de disco o disco vai ter.

Os fãs se surpreenderam com a vitalidade de Carlinhos Brown, que se ofereceu para participar do disco durante um



Capa do sexto álbum, elogiado também na imprensa internacional

CRÍTICA DISCO Roots ★ ★ ★

Dendê também é 'heavy'

MARCELO AMBROSIO

Metal que é metal entorta os tímpanos, empena os ossos e confunde os neurônios. No caso do Sepultura, além de tudo isso, o som paquidêmico e virulento ainda esmaga símbolos políticos e sociais, melhorando uma receita habitual no gênero. Mas *Roots* é diferente: um disco cuja parede sonora, bem trabalhada na parte rítmica, é o diferencial. Inteligentemente, o Sepultura apoiou seu maior salto em um mix do que é tradição no metal — como a distorção e o speed alucinado no bumbo da bateria — com a inovação, representada pelo indefinível Carlinhos Brown.

Roots bloody roots abre o disco com uma letra social, evitando as-

Brown com o grupo — a letra vale só pelo som da sílaba — em *Ratamahatta*. Breed apart repete a marcação percussiva.

As quatro faixas seguintes, *Straighthead*, *Spit*, *Lookaway* e *Dusted* seguem o padrão, mas na última o baterista Igor Cavalera toca um djembe africano. *Born stubborn* é literalmente um frevo metalizado e abre espaço para a acústica *Jasco*, tocada por Andreas Kisser em um violão da melhor escola brasileira, e para *Itsári*, a mais estranha e surpreendente atração do disco, com o Sepultura entoando um canto xavante acompanhado respeitosamente pelo timbau e pelo violão.

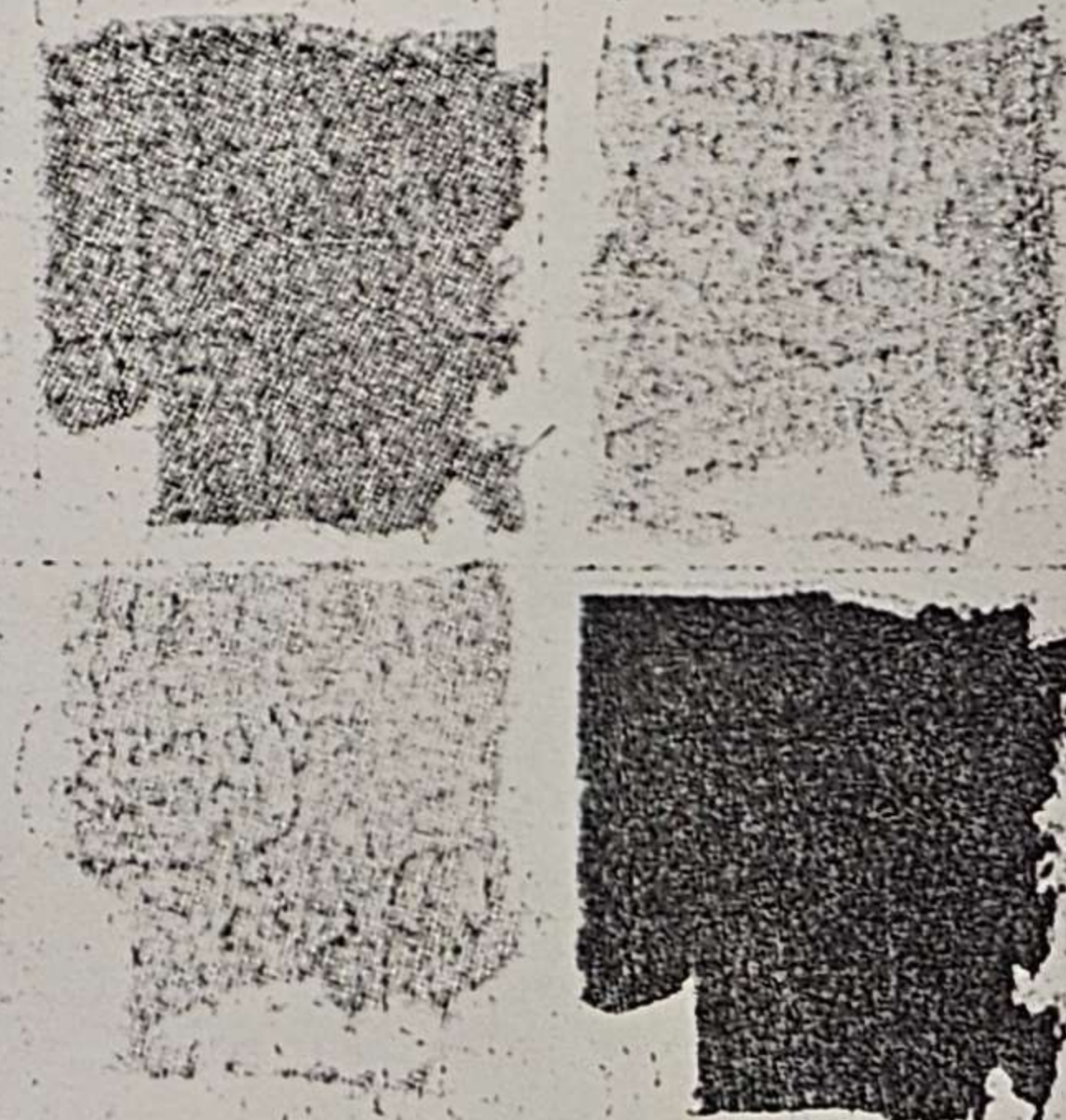
Ambush, por sua vez, mostra Carlinhos Brown usando um caminho de instrumentos percussivos

e 5 de novembro últimos, os rapazes do Sepultura descobriram que tinham mais em comum com os índios do que os cabelos compridos e a pele pintada (no caso, tatuada). Ao ouvirem os indígenas cantando, sentiram algo próximo da iluminação. “A terra tremia, literalmente, e o som das vozes era tão impressionante que reduzia a ficha qualquer banda de *death metal*”, anotou a banda em seu diário de viagem. Com uma equipe que reunia, além dos quatro músicos, produtores, empresários, fotógrafo e técnicos de som, o Sepultura se viu em apuros desde que deixou São Paulo: depois de chacoalhar por horas nos mais suspeitos bimotores, teve que se virar sem comida ou luz elétrica, todos cobertos de repelente, suando às bicas e ainda com medo de fazer algo errado contra os costumes dos índios. Alcool e drogas, por exemplo, estavam proibidos na aldeia.

A trupe do Sepultura foi recebida

dia, passou por um ritual de apresentação que exigiu um pequeno discurso de cada um de seus integrantes. No dia seguinte, os músicos se pintaram com urucum e foram se juntar aos índios em seu “canto rouco, repetitivo e grave”, como ficou registrado no diário. Com Max e Andreas nos violões e Paulo e Igor na percussão, foram realizadas as gravações de *Itsári*. O produtor Ross Robinson, empolgado com a *jam*, pulou, correu, pendurou-se nos galhos de uma árvore e foi apelidado pelos índios de Sapo Urossi. Num conversa com os xavantes, foram discutidas todas as etapas da produção da canção. Por fim, o Sepultura tocou *Kaiowas* no violão — o susto foi quando Max resolveu acrescentar à música seu monstruoso vocal. Missão cumprida, a banda ganhou colares, pulseiras, arcos e flechas e seguiu para um hotel cinco estrelas em Goiânia. (S.E.)

**NOVAS CORES
VÃO PINTAR
NA JANELA.**



Lindas persianas horizontais e verticais